

This file has been cleaned of potential threats.

If you confirm that the file is coming from a trusted source, you can send the following SHA-256 hash value to your admin for the original file.

32e72ebb40be7f4ca35e16748064e5e0ae09ea0238e703b527e5f5cbe9441d13

To view the reconstructed contents, please SCROLL DOWN to next page.

Combate ao Racismo Ambiental

Blog de Tania Pacheco, dedicado ao GT Combate ao Racismo Ambiental e às suas lutas

Digite sua pesquisa...

Clique



- Home
- Quem é o GT Combate
- I Seminário
- II Seminário ▾
- Textos e Artigos ▾
- Relatórios ▾
- Boletim, Redes Sociais etc

O que é Racismo Ambiental

"Chamamos de Racismo Ambiental às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma implacável sobre grupos étnicos vulnerabilizados e sobre outras comunidades, discriminadas por sua 'raça', origem ou cor". /// "Llamamos Racismo Ambiental a las injusticias sociales y ambientales que recaen de forma implacable sobre grupos étnicos tornados vulnerables y sobre otras comunidades, discriminadas por su 'raza', origen o color".

Revoltante! “Rio Madeira: Um rio em fúria”

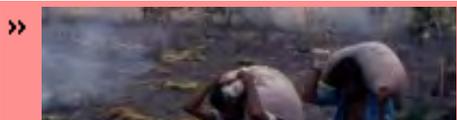
Por **racismoambiental**, 03/12/2012 17:59



Ondas engolem casas, e peixes aparecem mortos, enquanto pescadores passam fome. A usina de Santo Antônio mudou o rio e a vida em Rondônia



CombateRacismoAmbiental





Acompanhe no Facebook

Nas margens desbarrancadas do rio Madeira, Francisco Souza mostra foto do quintal que foi levado pelas águas Foto: Marcelo Min

Últimas Notícias

- » A queda de Feliciano não é a linha de chegada. É o ponto de partida, por Leonardo Sakamoto
- » SP – Audiência Pública: “Violência contra imigrantes africanos e latinos” – 03/04, 14 horas
- » Repetindo, porque vale: “El derecho de sonar”, por Eduardo Galeano
- » marxismo21 lança dossiê sobre o golpe de 1964. Acesse
- » SP – Documentos da ditadura estarão disponíveis na internet a partir de segunda, 1 de abril
- » MS – Arrendatário ameaça comunidade da Aldeia Takwara e diz que desmatamento continuará
- » Projeto Berço das Águas publica caderno sobre experiências diversificadas na elaboração de planos de gestão territorial indígena.
- » Comissão Internacional chega ao Brasil e vai participar do

Por Ana Aranha

Dois dias antes do início dos testes na primeira turbina da hidrelétrica de Santo Antônio, em Rondônia, o telefone tocou na casa da pescadora Maria Iêsa Reis Lima. “Vai começar”, avisou o amigo que trabalhava na construção da usina. Iêsa sentou na varanda e se pôs a observar as águas, esperando o que sabia ser uma mudança sem volta. “O rio Madeira tem um jeito perigoso, exige respeito. Os engenheiros dizem que têm toda a tecnologia, mas nada controla a reação desse rio.”

Semanas depois, no início de 2012, as águas que banham a capital Porto Velho começaram a ficar agitadas. As ondas cresciam a cada dia, cavando a margem e arrancando árvores. O deck do porto municipal se rompeu. O rio alcançou as casas, até que a primeira delas ruiu junto com o barranco para dentro das águas.

O prognóstico de Iêsa estava certo. O que ela não podia imaginar era a rapidez com que a resposta do rio à abertura das comportas alteraria o curso da sua vida, do seu bairro e da história de Porto Velho. As ondas atacaram o bairro Triângulo, primeiro a se formar na capital. O bairro leva esse nome por ser o local onde o trem da estrada de ferro Madeira-Mamoré fazia a curva para desabastecer. A casa de Iêsa ficava entre a margem do Madeira e os trilhos abandonados. Cerca de sete quilômetros abaixo da usina.

O rio engoliu ainda o marco Rondon, obelisco histórico mais antigo que o próprio estado. Construído em 1911 pela equipe do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, sertanista que rasgou a floresta para ligar a primeira linha telegráfica a conectar a Amazônia. Quando as ondas alcançaram o marco, alertas circularam em abundância por todos os meios de comunicação a que o mundo têm acesso. Mas a empresa Santo Antônio Energia, responsável pela usina, negava relação com o problema. Em duas semanas, as águas cavaram a base do obelisco e o arrastaram para o fundo do rio. Depois que ficou comprovada a responsabilidade da usina, a empresa tentou resgatar o obelisco, mas apenas dois blocos foram recuperados.

Banzeiro foi a palavra adotada pelos rondonienses para se referir ao fenômeno. Segundo o dicionário Houaiss: “série de ondas provocadas pela passagem da pororoca ou embarcação, e que vai quebrar violentamente na praia ou nas margens do rio”. Ou ainda: “cambaleante, pouco firme”, “que se sente banzo, melancólico, triste”.

juízo dos acusados pela execução do casal José Cláudio e Maria do Espírito Santo, em abril

» Comunidades do AM mapeadas por projeto premiado são ameaçadas sem qualquer consulta

» Em defesa da mulher amazônica, por Marcelo Garcia

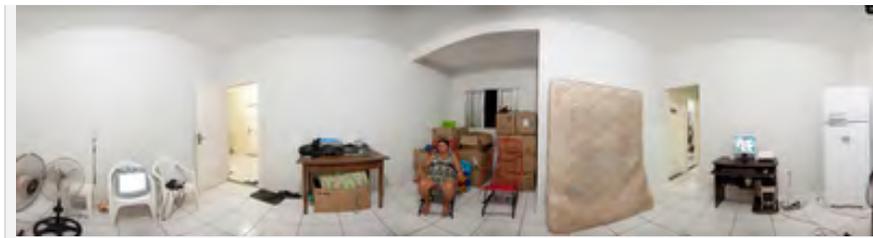
» “Descaso com a educação indígena e a greve de um homem só”, por Tiago Miotto

» Idade das Trevas: Madalena deve ser apedrejada? Homossexualidade é doença? MF se vinga redistribuindo projetos na CDHM: contra Lei Gabriela Leite e a favor da “cura dos homossexuais”

» A República e as transnacionais, por Mauro Santayana

» Militares da reserva chamam Comissão da Verdade de ‘totalitária’

» Até onde...? MF manda afastar todos os 17 servidores da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados



A pescadora Iêsa no apartamento pago pela usina de Santo Antônio, sua casa quase foi engolida pelas ondas que atingiram o bairro Triângulo Foto: Marcelo Min

Na sala do apartamento alugado pela usina, sentada numa cadeira de varanda entre caixas de mudança, Iêsa vive as diversas definições da palavra. “Minha história se perdeu, foi tudo pra baixo da água”, diz. Filha de soldado da borracha, ela aprendeu a pescar com o pai e os irmãos e era disso que vivia até o início do ano. Sente falta dos peixes frescos e da comida que colhia no quintal: mandioca, feijão, açaí, carambola e manga.

Por enquanto, quem ainda aproveita a sombra de suas árvores é o vizinho Francisco Batita Souza. Ele morava na beira do rio, no bairro Triângulo, e também mudou para apartamento. Mas passa o dia no quintal de Iêsa, construindo pequenos barcos. O terreno onde ele trabalhava foi levado pelas águas. Souza se agarra às fotos do antigo estaleiro e briga na justiça para que a usina lhe indenize pelo local de trabalho. “Tenho 59 anos, faço barco desde os 15, o que vou fazer da vida agora?”, questiona.

Com o valor da indenização (entre R\$ 90 mil e R\$ 150 mil), as 120 famílias provisoriamente instaladas em hotéis e apartamentos não poderão voltar para os terrenos à beira do rio, que são áreas muito valorizadas em Porto Velho. E nem poderão voltar ao bairro Triângulo, que vai ser todo removido para a construção de um complexo turístico e paisagístico na beira do rio.

Os moradores mais antigos se recusam a sair. Como José Oliveira, que trabalhou na estrada de ferro desde 1950, quando tinha 16 anos, até sua desativação em 1972. “Era guarda fio, cortava o mato quando enrolava na linha. Andava sozinho pela estrada, pedalando num velocípede que encaixava no trilho. Levei até flechada de índio”, lembra. Quando chegou a Porto Velho, a vida da cidade girava em torno do trem. Depois que desativaram a linha férrea, os dormentes foram usados para reforçar a base de sua casa. “Estou satisfeito aqui perto do trilho e do rio. Ninguém vai me jogar pra dentro da cidade como foi com essas famílias que saíram correndo, chorando, como se não valessem nada”.

É difícil entender o impacto da mudança para quem cresceu na beira do rio. Iêsa se preocupa com o neto de 12 anos, que já passou mais de mês fechado no quarto do apartamento. Quando perguntei o que mudou desde que a família teve de deixar a casa, o menino fez um longo silêncio e disse: “Mexe

Voe e lute conosco !



Cartilha em Defesa dos Povos e dos Territórios (em PDF)



Clique para baixar

Bandeiras deste Blog

- * Total repúdio à portaria 303 da AGU do sr. Luís Inácio Adams!
- * Pela derrota da ADI 3239, em defesa dos territórios quilombolas!
- * Pelo demarcação dos territórios de povos indígenas e quilombolas
- * Pelo direito ao território para os povos tradicionais
- * Pelo direito à cidade, à moradia e ao trabalho dignos
- * Pela democratização da Justiça
- * Pelo direito à luta, sempre!
- * Reforma Política Já!

ATENÇÃO: O conteúdo deste blog pode ser reproduzido. Basta manter as referências a outras fontes e autores, quando por nós mencionados, e dar o devido crédito

com o cérebro”.



Ribeirinhos no bairro Triângulo, de onde terão que sair. Ao perder a proximidade do rio, eles perdem também sua fonte de renda Foto: Marcelo Min

As famílias não esquecem a noite em que, enquanto as ondas quebravam, a Santo Antônio Energia, empresa que comanda a usina, negava responsabilidades sobre os banheiros na TV. Iêsa dormia com a mala pronta ao lado da porta de casa. “À noite as ondas ficavam mais fortes”, lembra. “A gente ouvia um barulho alto que vinha da usina.”

Por duas semanas, ninguém sabia o que fazer. As famílias não recebiam orientação das instâncias responsáveis por controlar as ações de impacto social e ambiental da obra: prefeitura, governo do estado e Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). Foi preciso a intervenção do Ministério Público do estado, que chamou a empresa a assinar um **Termo de Ajustamento de Conduta**, onde se fixaram o auxílio às famílias e a contenção das margens.

Alertas ignorados

Isso aconteceu porque o fenômeno não estava previsto pelo **Estudo de Impacto Ambiental** (EIA) da obra – elaborado por Furnas e Odebrecht, empresas responsáveis por Santo Antônio, e certificado pelo Ibama antes do licenciamento. É esse estudo que aponta os danos possivelmente gerados pela construção e as ações para conter o prejuízo.

“Foi uma falha”, admite Thomaz Miazaki de Toledo, coordenador de Infra-Estrutura de Energia Elétrica no Ibama. “Se esses impactos tivessem sido previstos, as medidas preventivas teriam sido adotadas. Mas a gente não tem bola de cristal”, completa. A Santo Antônio Energia não atendeu aos pedidos de entrevista da reportagem, que se estenderam por mais de um mês.

Pelo menos dois especialistas pagos por Santo Antônio apontaram a alta probabilidade de erosão. Esses alertas estão em laudos complementares ao **Estudo de Impacto Ambiental**. “Foram análises aprofundadas, feitas por exigência do Ministério Público de Rondônia, mas depois foram esquecidas durante o licenciamento”, diz Roberto Smeraldi, diretor da ONG Amigos da Terra.

Categorias

- » [Ações afirmativas](#) (369)
- » [Artigo](#) (249)
- » [Brasil](#) (1707)
- » [Comunidades tradicionais](#) (246)
- » [Cultura](#) (563)
- » [Denúncia](#) (131)
- » [Direito ao Conhecimento](#) (495)
- » [Direitos humanos](#) (1618)
- » [Geral](#) (754)
- » [Homenagem](#) (272)
- » [Justiça](#) (563)
- » [Justiça Ambiental](#) (32)
- » [Manifestos](#) (226)
- » [Mídia e Poder](#) (242)
- » [Movimentos Sociais](#) (71)
- » [Mundo](#) (797)
- » [Racismo](#) (1602)
- » [Racismo Ambiental](#) (11482)
- » [Reforma Agrária](#) (1193)
- » [Trabalho escravo](#) (425)

Assuntos mais abordados

[agronegócio](#) [agrotóxicos](#)



O rio Jaci Paraná aumentou de nível com os alagamentos Foto: Marcelo Min

A erosão é apontada nesses **estudos** pelo biólogo José Galizia Tundisi, professor aposentado da Universidade de São Paulo e consultor na área ambiental. Ele escreve que o fenômeno poderia acontecer em diversos pontos do curso do Madeira, devido ao desequilíbrio na movimentação de sedimentos.

Para entender esse processo, é preciso saber que o Madeira é um dos três rios com maior concentração de sedimentos do mundo. Perde só para os que nascem no Himalaia. Ele leva esse nome porque, depois de descer a Cordilheira dos Andes, suas águas arrancam as árvores e margens de alguns trechos. Todo dia, essas madeiras e mais de 500 mil toneladas de sedimentos deslizam na frente de Porto Velho.

O modo como esse material vai se acomodando ao longo do rio é o que dá equilíbrio ao curso. Há trechos onde naturalmente ocorre erosão, e as margens caem. Em outros, há sedimentação, e aparecem formações como bancos de areia. O trecho de Porto Velho era uma área de sedimentação. Mas Tundisi já alertava no estudo divulgado em 2007: quando construídas as usinas, as reservas passariam a reter os sedimentos, e essa mudança de equilíbrio poderia criar novas zonas de erosão, em especial no trecho abaixo da usina.

Essa é uma das teses para explicar o problema com que trabalha o Ministério Público do Estado de

ameaças **América Latina**

assassinato de liderança

assassinatos barragens e

hidrelétricas Combate ao Racismo

comunidades

tradicionais comunidades

urbanas contaminação crime

crítica ao capitalismo cultura

e tradições Código Florestal

demarcações democracia

democratização da Justiça

desigualdade desmatamento

direito ao trabalho digno **Direitos**

humanos direitos indígenas direito

à cidade direito à moradia digna

direito à vida digna

discriminação ditadura

especulação imobiliária História

Justiça memória mineração

monoculturas Políticas Públicas

povos indígenas

preconceito quilombolas

ruralistas **saúde e meio**

ambiente território

tortura trabalhador@s rurais uhe

belo monte **violência**

Comentários Recentes

- » Rachel M. Z. Grenfell on MS – Arrendatário ameaça comunidade da Aldeia Takwara e diz que

Rondônia (MPE-RO). Ao Ibama, a empresa atribui o fenômeno à fase específica da obra. Como as turbinas não estão todas em funcionamento (serão 44, há 6 em operação), a água sai com mais velocidade, gerando ondas.

“Acatamos a explicação, mas entendemos que não é só isso, temos técnicos trabalhando para fazer um laudo independente”, afirma Aluildo de Oliveira Leite, do MPE-RO. A explicação da usina ajuda a entender a violência das ondas em Porto Velho. Mas o Ministério Público já registrou a ocorrência do fenômeno em ao menos mais duas comunidades, que ficam a 150 e 200 quilômetros abaixo da capital.

Um precedente preocupante é o caso da usina hidrelétrica de Aswam, no Egito. Embora menos caudaloso que o Madeira, o rio Nilo também é rico em sedimentos. A concentração de nutrientes em suas águas abastecia o Delta do Nilo, célebre pela fartura em meio ao deserto. Com a represa, concluída em 1970, erosões engoliram vilas inteiras rio abaixo e alteraram a morfologia do Delta, onde hoje a lavoura depende de fertilizantes.

Só com um diagnóstico completo será possível fixar ações de prevenção no rio Madeira. O que também depende da boa-fé da empresa. Depois dos acidentes no bairro Triângulo, a Santo Antônio foi obrigada a construir um paredão de sete quilômetros de pedras para conter as ondas. “Agora estão começando a desbarrancar outros trechos logo depois dessa faixa. E a empresa não reconhece, diz que não hánexo causal”, afirma a procuradora Renata Ribeiro Baptista, que acompanha o caso pelo Ministério Público Federal.

“Água preta como café”

Enquanto as ondas revoltam o curso do Madeira abaixo da usina, quem mora acima da barragem teve a vida transformada por outro desequilíbrio: a morte dos peixes.

Já era previsto que a quantidade de peixes diminuísse. Mas é ponto pacífico entre os pescadores que a quantidade caiu drasticamente. Nos pontos mais próximos da usina, os relatos são de que só é possível pegar quantidade suficiente para comer, não mais para vender.



Previendo os problemas que surgiriam com o fechamento da barragem, um grupo de 30 pescadores de Jaci Paraná, vila a 90 quilômetros de Porto Velho, se organizou e montou um projeto para criação de tambaquis, antes mesmo que a escassez se consumasse. Fizeram tudo direito: ganharam edital da Petrobras e montaram uma

desmatamento continuará

» racismoambiental on Pícaros: "América", com fala final de Eduardo Galeano

» racismoambiental on Pícaros: "América", com fala final de Eduardo Galeano

» marceu moai arancibia on Pícaros: "América", com fala final de Eduardo Galeano

» racismoambiental on Boletim, Redes Sociais etc

» Cristhian Espinoza on Pícaros: "América", com fala final de Eduardo Galeano

» Dolores Lima on José Cláudio e Maria do Espírito Santo: apesar do cinismo revoltante dos canalhas assassinos, vale ver a reportagem exclusiva do R7



estrutura com 26 tanques dentro do lago Madalena, que fica no rio Jaci Paraná, onde

passaram a criar mais de 35 mil peixes.

Depois de dois anos, quando os tambaquis estavam quase prontos para a venda, a usina Santo Antônio começou a alagar as margens do rio para a criação da reserva. Em outubro de 2011, os pescadores acompanharam a subida do nível do lago com preocupação, dobrando o monitoramento da criação. Em dezembro, José dos Santos, pescador e coordenador de campo do projeto, recebeu uma ligação do pescador que estava no plantão: alguns peixes estavam morrendo. "Corri pra cá e vi que a água estava diferente, preta que nem café", lembra. "Não deu tempo de nada, na mesma noite ele ligou que estava tudo morto, boiando. Foi um desespero".

O grupo procurou a Santo Antônio Energia, empresa responsável pela usina. "E eles não disseram que os peixes morreram de fome?", diz José, com um sorriso nervoso. "Nós lutando há cinco anos, cheios de ração guardada, ia deixar os bichos com fome?"

Na frente da sede do projeto, José aponta as centenas de árvores secas dentro do lago. Elas eram parte da vegetação de várzea, que sobrevive dentro da água alguns meses por ano, na cheia, mas não resistiu ao alagamento definitivo. Na volta para Jaci, cruzamos ainda com centenas de toras de madeira abandonadas na beira do rio, todas com o selo da Fox – empresa que faz o desmatamento para as usinas. Segundo os pescadores, grande parte da vegetação derrubada pela usina não foi retirada do local em tempo do alagamento e ficou dentro da água. Eles desconfiam que essa seja a causa da morte dos peixes: a decomposição da vegetação alagada.

» Maria vicencia de lima bonolo on O holocausto negro no Congo, por Israel Junior Silva

» Valéria de Moraes on Boletim, Redes Sociais etc

» André on Neofascismo?, por Miguel Baldez

Indicamos

» AATR

» ACPO

» ANAI

» CECIP

» CEDEFES

» CEPEDES

» CONAQ

» CPP-BA

» CPT

» Criola

» CUFA

» Currículo Global

» Dignitatis

» FAOR

» FASE

» Fórum Carajás

» Fórum Justiça

» Geledés



Toras de árvore empilhadas ao lado do rio Jaci Paraná com selo da Santo Antônio Energia Foto: Marcelo Min

A hipótese faz sentido para o biólogo Philip Fearnside, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). “Nos relatórios ambientais, as usinas indicam a vegetação de várzea como parte do leito do rio. Mas, se você enche essas áreas e deixa alagado o ano todo, as árvores vão se decompor, as folhas vão apodrecer e liberar CO²”, afirma.

O mesmo erro teria sido cometido no cálculo da área total a ser alagada para fazer os reservatórios de Santo Antônio e Jirau, a outra usina hidrelétrica que está sendo construída na região, rio acima. Para as usinas, seriam 230 km² de terras alagadas. Segundo Fearnside, a extensão real do alagamento, incluindo-se a floresta de várzea, pode ser o dobro disso: 529 km².

Auxiliados pela ONG Instituto Madeira Vivo, que ajudou a coordenar o projeto de piscicultura, o grupo colheu amostras da água e dos peixes mortos e enviou para análise da Universidade Federal de Rondônia. Segundo Iremar Antônio Ferreira, diretor do Instituto, a análise apontou ausência de oxigênio na água. “Entramos na justiça”, diz. “Queremos negociar com a empresa, retomar logo o projeto. Mas a Santo Antônio Energia diz que não tem acordo.”

Enquanto o processo corre, José ficou sem renda. A solução foi virar segurança na usina de Jirau.

A falta de controle da qualidade da água pela usina Santo Antônio já havia sido detectada no final de 2008, quando o cheiro de peixe morto chegou à capital. O Ibama estimou 11 toneladas, mas membros da equipe de fiscalização desconfiam que havia mais. As mortes aconteciam em trecho próximo à obra

- » IBASE
- » Instituto Búzios
- » Instituto Terramar
- » Justiça Global
- » Justiça nos Trilhos
- » Observatório Quilombola
- » Outros Olhares
- » Portal de Agroecologia da Amazônia
- » Rede Brasileira de Justiça Ambiental
- » Redmanglar
- » REMTEA
- » Tecnologia-Natureza-Ciências Sociais
- » Telma Monteiro
- » Terra de Direitos
- » Vazanteiros em Movimento

Visitas Recentes



Mais visitadas hoje

havia cinco dias e, quando os fiscais chegaram, funcionários da usina já estavam enterrando os peixes.

A usina foi multada em R\$ 7,7 milhões. O **relatório do Ibama** aponta que a empresa agiu com negligência e imprudência, porque não monitorava a qualidade da água todos os dias e não havia equipe qualificada no local. A empresa foi repreendida por não ter avisado sobre o acidente, não ter feito a perícia da causa da morte dos peixes e por ter usado baldes inadequados para transportar os peixes ainda vivos, que chegaram mortos ao local de soltura.



Área desmatada para o alagamento da usina de Jirau Foto: Marcelo Min

Considerando o melhor cenário, no qual as usinas seguiriam com rigor as normas de controle ambiental, a estimativa era que os peixes do rio Madeira diminuíssem em até 50% nos primeiros anos. Mas os pescadores garantem que hoje é quase impossível achar as espécies maiores e mais valiosas – como a dourada (*Brachyplatystoma rousseauxii*), bagre que foi objeto de piada do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Em 2007, Lula teria ironizado o fato de “um bagre” impedir a liberação para construção de uma usina (leia sobre o processo de licenciamento aqui). A dourada, o bagre mais comum na região, é um peixe que pode chegar a 1,8 metro de comprimento e que viaja 5 mil quilômetros da Ilha de Marajó até o pé da cordilheira dos Andes para reproduzir. Na época da piracema, era possível vê-las, às centenas, pulando para subir as cachoeiras que hoje foram alagadas.

1. [Combate ao Racismo Ambiental » Povo Munduruku lança Nota de Protesto contra desembarque de tropas, marcado para amanhã, 28, e diz temer massacre](#) 19.54%
2. [Combate ao Racismo Ambiental](#) 19.18%
3. [Combate ao Racismo Ambiental » Planejamento do Fórum de Justiça do Ceará](#) 9.95%
4. [Combate ao Racismo Ambiental » O holocausto negro no Congo, por Israel Junior Silva](#) 9.77%
5. [Combate ao Racismo Ambiental » A invisibilidade do racismo, por Lázaro Ramos](#) 9.77%
6. [Combate ao Racismo Ambiental » Até onde...? MF manda afastar todos os 17 servidores da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados](#) 8.88%
7. [Combate ao Racismo Ambiental » CPI urgente da Funai, por Egon Heck](#) 6.39%
8. [Combate ao Racismo Ambiental » Carta das lideranças indígenas do Amazonas sobre o PL 1610/1996 Mineração](#) 5.86%
9. [Combate ao Racismo Ambiental » Unicamp perde professor John Monteiro](#) 5.51%

O desaparecimento do bagre desestruturou a vida de milhares de pescadores que dependiam da pesca como fonte de renda. Segundo levantamento feito pela Universidade Federal de Rondônia, em estudo pago pelas usinas, ao longo de um mês em 2004, 219 pescadores pegaram 40 toneladas de dourada em localidades próximas à usina. Incluindo todas as espécies pescadas naquele mês, o levantamento soma quase 460 toneladas pescadas. O estudo ainda não repetiu o levantamento para verificar como esses números diminuiriam. O mesmo grupo descobriu que o Madeira é o rio mais diverso de todo o mundo, com 957 espécies de peixes.

A principal ação da empresa para amenizar o impacto sobre o ciclo reprodutivo dos peixes foi construir dois canais por onde eles, teoricamente, podem passar. Mas é difícil reproduzir as condições exatas de uma cachoeira. “Os grandes bagres não estão encontrando a entrada da passagem, não foram observados subindo o canal”, afirma Fearnside, que acompanhou a construção do canal e verificou seu funcionamento este ano. “No caso de Santo Antônio, os funcionários estavam pegando o bagre com rede e soltando dentro do canal para eles subirem.”



Mário, pescador que nunca mais viu a dourada, peixe mais valorizado da região Foto: Marcelo Min

O pescador Mário Ferreira dos Santos nunca mais viu uma dourada. Com a chegada da usina, ele perdeu a fonte de sustento e o local onde morava. A casa de Mário foi uma das alagadas pela represa. Ficava a 60 metros da cachoeira Teotônio, onde se ouvem histórias de um passado abundante. “A gente fica meio assim de falar porque o povo não acredita”, diz Mário. “Lá tinha pesca de pé firme: era só ficar na beira da pedra, jogar a rede e puxar. Se o sujeito saía de barco na boca da noite, voltava com 600 quilos de manhã.”

10. [Combate ao Racismo Ambiental » Longo martírio vivido pelos Guarani-Kaiowá: e a Páscoa, quando virá?](#) 5.15%

Click to Get  FEEDJIT

Tráfego Atual

Live Traffic Feed

UNLIMITED Domains, 

A visitor from **Newark, New Jersey** 

view ed "Combate ao Racismo Ambiental » Revoltante! "Rio Madeira: Um rio em fúria" 0 secs ago

A visitor from **Maranguape, Ceara** 

view ed "Combate ao Racismo Ambiental » Planejamento do Fórum de Justiça do Ceará" 27 secs ago

A visitor from **Mountain View, California** 

view ed "Combate ao Racismo Ambiental » Amazonia: Celebración de una maravilla con graves problemas que urge atender" 30 secs ago

A visitor from **Brazil** 

view ed "Combate ao Racismo Ambiental » "Dossiê Rio+20 – Cúpula dos Povos" 38 secs ago

A visitor from **Pelotas, Rio Grande do Sul** 

view ed "Combate ao Racismo Ambiental » Povo Munduruku lança Nota de Protesto contra desembarque de tropas, marcado para amanhã, 28, e diz temer massacre" 1 min ago

Hoje, ele vive de uma bolsa dada pela Santo Antônio Energia, assim como toda a comunidade de pescadores: 45 famílias foram removidas do local para um assentamento construído pela usina. Eles conseguiram a ajuda de custos depois de fazer um protesto na frente da usina. "Na reunião antes do alagamento, eles só falavam coisa boa", lembra Marcelo Gonçalves da Silva, 32 anos, uma das lideranças da comunidade. "A gente podia escolher entre pegar uma casa, ou dinheiro. O povo perguntou se iam poder pescar, eles disseram que sim. Só faltou avisar que não ia ter peixe."

No primeiro ano depois da mudança, sem acesso à sua fonte de renda, Marcelo conta que as famílias entraram em desespero. "Fiquemos sem chão", lembra. "Tinha família com fome, casa com luz cortada porque não pagou a conta."



Marcelo mostra as fotos da cachoeira onde a família morava antes do alagamento para a filha, que já não lembra do local Foto: Marcelo Min

Ela procurou o Movimento dos Atingidos por Barragens, que ajudou a marcar reuniões com a empresa. Assim, a comunidade conseguiu a ajuda de custos mensal e a promessa de que a usina vai investir em um projeto de piscicultura. Uma das orientações da empresa é que o grupo crie os peixes em um tanque escavado na terra, fora do rio. "É pra não colocar os peixes em risco, por causa da qualidade da água", explica Marcelo.

Ironicamente, uma das pendências a serem resolvidas antes do projeto é o abastecimento de energia elétrica da comunidade. Para manter um tanque fora do rio, eles precisam bombear oxigênio para

A visitor from **Rio De Janeiro, Rio de Janeiro** 
 view ed "Combate ao Racismo Ambiental » O holocausto negro no Congo, por Israel Junior Silva" 1 min ago

A visitor from **Barbacena, Minas Gerais** 
 view ed "Combate ao Racismo Ambiental » Orixás – Saudação a Oxóssi" 2 mins ago

A visitor from **Curitiba, Parana** 
 view ed "Combate ao Racismo Ambiental » Atriz Regina Duarte é voz ativa de pecuaristas contra direitos indígenas" 3 mins ago

A visitor from **Rio De Janeiro, Rio de Janeiro** 
 view ed "Combate ao Racismo Ambiental » O holocausto negro no Congo, por Israel Junior Silva" 4 mins ago

A visitor from **Manaus, Amazonas** 
 view ed "Combate ao Racismo Ambiental » Revoltante! "Rio Madeira: Um rio em fúria"" 4 mins ago

Real-time view · Menu

dentro da água – e, para isso, de energia. Mas, na comunidade construída pela usina Santo Antônio, falta energia quase toda semana. Enquanto a reportagem estava lá, por exemplo, a luz acabou. "Ih, pode esperar sentado, que aqui fica um ou dois dias pra voltar", disse Marcelo. "Agora imagina se tem condição, depois de tudo que passamos, construir um tanque pra criar peixe, e eles morrerem sem ar por falta de energia?"

–
<http://telmadmonteiro.blogspot.com.br/2012/12/rio-madeira-um-rio-em-furia.html>

 **Racismo Ambiental** |  **barragens e hidrelétricas, comunidades tradicionais, direito à vida digna, especulação imobiliária, território, violência**

Deixe uma resposta

Nome (requerido)

E-mail (não será publicado) (requerido)

Página na internet

Acrescente sua resposta

Memória

Select Month

Notícias postadas dia a dia

December 2012

S M T W T F S

1

2 3 4 5 6 7 8
9 10 11 12 13 14 15
16 17 18 19 20 21 22
23 24 25 26 27 28 29
30 31
« Nov Jan »

O Blog Combate ao Racismo Ambiental foi criado e é mantido, sem fins lucrativos, por **Tania Pacheco** utilizando tecnologia WordPress.
A reprodução de seu conteúdo é incentivada, desde que citando a fonte e sem fins lucrativos.



Programação feita por Ricardo Álvares, utilizando uma versão modificada do tema Panorama, criado por Themocracy.